

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR PARA OS TERRITÓRIOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

THE EDUCATION OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS: A LOOK AT THE TERRITORIES OF UNIVERSITY EXTENSION

LA FORMACIÓN DE PROFESORES EN EDUCACIÓN FÍSICA: UNA MIRADA HACIA LOS TERRITARIOS DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Miguel Moraes Corrêa¹

Vitória Vargas Georg²

Diego Fernandes Machado da Costa³

Renato Sarti⁴

Resumo: A presente pesquisa possui como objetivo geral problematizar os primeiros dados do levantamento nacional sobre a extensão universitária no âmbito da formação de professores em Educação Física, a partir da emergência da Resolução CNE/CP nº 4/2024. A análise é de caráter crítico-interpretativo e está voltada para o conjunto de cento e onze ações de extensão com Educação Física de cinco universidades públicas brasileiras, lançando olhares para os territórios ocupados por essas. Assim, as horas de extensão parecem configurar uma janela de aproximação entre universidade, escola e comunidade. Todavia, o panorama de aridez da escola nas ações de extensão pode abrir caminhos sintéticos e artesanais. E amplia-se as potencialidades dessa décima parte no enfrentamento aos desafios da formação de professores de Educação Física.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Formação. Educação Física.

Abstract: This research has the general objective of problematizing the initial data from the national survey on university extension within the scope of Physical Education teacher training, based on the emergence of Resolution CNE/CP nº 4/2024. The analysis is of a critical-interpretative nature and focuses on the set of 111 extension activities in Physical Education from five Brazilian public universities, examining the territories they occupy. The discussions are organized around three axes: the university as a center; the multiplicity of territories as an expansion of engagement; and the school and the tenth part. Thus, extension hours appear to constitute a bridge between the university, the school, and the community. However, the barren landscape of the school in extension activities may open synthetic and artisanal pathways. Moreover, the potential of this tenth part is expanded in addressing the challenges of Physical Education teacher training.

Keywords: University Extension. Training. Physical Education

¹ Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Este trabalho foi financiado pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, por meio do projeto SEI-RJ nº E-26/201.205/2025; migmoraes20@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação da UFRJ; vivivgeorg.eefd@gmail.com

³ Mestrando em Educação, Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; dmachado077@gmail.com

⁴ Doutor em Educação Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; renatosarti.eefd@gmail.com

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

Resumen: La presente investigación tiene como objetivo general problematizar los primeros datos del levantamiento nacional sobre la extensión universitaria en el ámbito de la formación de profesores en Educación Física, a partir de la emergencia de la Resolución CNE/CP n° 4/2024. El análisis es de carácter crítico-interpretativo y está dirigido al conjunto de ciento once acciones de extensión con Educación Física de cinco universidades públicas brasileñas, lanzando miradas hacia los territorios ocupados por estas. Las discusiones se encaminan a través de tres ejes: la universidad como centro; la multiplicidad de territorios como ampliación del pisar; y la escuela y la décima parte. Así, las horas de extensión parecen configurar una ventana de aproximación entre universidad, escuela y comunidad. Sin embargo, el panorama de aridez de la escuela en las acciones de extensión puede abrir caminos sintéticos y artesanales. Y se amplían las potencialidades de esta décima parte para enfrentar los desafíos de la formación de profesores de Educación Física.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Formación. Educación Física.

1 Licenciando em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Bolsista vinculado à FAPERJ; [<migmoraes20@gmail.com](mailto:migmoraes20@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

O campo da formação de professores no Brasil tem ganhado notoriedade nas últimas décadas. A partir dos estudos que buscam compreender como as/os docentes vêm sendo formados, alguns autores/as têm avançado, a partir de suas concepções, apontando que há, do ponto de vista dialógico, desafios históricos que o campo enfrenta, sobretudo, ainda nos dias atuais, tais como: a sobreposição dos conhecimentos específicos em detrimento dos conhecimentos pedagógicos (Cerri 2013, Gatti 2010, Gatti et al. 2019, Saviani 2013) e o distanciamento entre universidade e escola, enquanto espaços de formação docente (Ludke, Boing 2012; Benites, 2021; Zeichner 2010). No âmbito da Educação Física, Araújo (2020) destaca que o campo da formação de professores tem enfrentado desafios históricos, sobretudo, quanto ao distanciamento entre universidade e escola, já supracitado, e à ênfase na perspectiva técnico-instrumental do objeto de estudo da área.

Para além de tais desafios, parece oportuno assinalar alguns outros aspectos que têm povoado as análises da formação de professores, como: a mercantilização da formação docente; e a ascensão de concepções aligeiradas de formação (Freitas, 2018). Assim, é pensando nesse cenário macroestrutural de avanço do neotecnicismo que emergem no campo os entraves e disputas quanto a como formar os professores. Essas concepções engendradas historicamente convergem para uma problemática comum apontada pelo campo: a constante compartimentalização da formação inicial nas licenciaturas e na pedagogia (Saviani, 2009; Gatti, 2010), seja pelo viés da supervalorização dos conhecimentos específicos, seja pelo viés da soberania do saber universitário em relação às escolas da educação básica.

Quanto à supervalorização dos conhecimentos específicos, Saviani (2009) aponta que historicamente ocorreu uma justaposição dos conhecimentos pertinentes aos saberes específicos e pedagógicos. O que o autor denomina de contraposição entre o modelo dos conteúdos culturais-cognitivos e o modelo pedagógico-didático. Gatti (2010) destacou que “a fragmentação formativa é clara”, na qual a formação específica ganha maior destaque em relação aos conhecimentos pedagógicos. Tais denúncias articuladas pelos autores indicam que há uma dissociabilidade e fragilidade nos currículos brasileiros de formação docente. Dessa maneira, a organização curricular evidenciada por Gatti (2010) Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

destaca que os conhecimentos pertinentes à formação para a docência ocupam um lugar negligenciado dentre os saberes que compõem o artífice do professor e que não há articulação entre os componentes curriculares específicos e da formação pedagógica, que já integram o currículo. No que tange às lacunas levantadas entre universidade e escola, as pesquisas têm buscado apontar possíveis saídas de enfrentamento, tais como: a formação alicerçada nas duas instituições (Ludke; Boing, 2012); a emergência de novas culturas formativas (Gatti et al., 2019); e a construção de zonas de fronteiras entre universidade, escola e comunidade (Diniz-Pereira, 2022; Zeichner, 2010; 2015)

Emoldurada pelos desafios elencados, a formação de professores tem vivido mais um capítulo com a emergência da Resolução CNE/CP nº 4/2024, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. O texto supracitado apresenta um elemento inédito para a formação de professores no Brasil: a obrigatoriedade de 320 horas de atividades de extensão na escola. Com o olhar para o emergente desafio sobre a relação entre extensão e formação de professores, Sarti e colaboradoras (2025a) vêm desenvolvendo uma pesquisa descritiva com universidades brasileiras, observando as características de ações de extensão com a Educação Física. Os primeiros dados publicados da referida pesquisa têm apresentado as temáticas, grupos sociais e territórios mobilizados em cento e onze ações extensionistas de cinco universidades públicas brasileiras. Mais especificamente, quando estabeleceram olhar para os territórios ocupados pelos projetos de extensão, Sarti e colaboradoras (2025a) assinalaram a universidade como principal espaço de ocorrência, com mais de dois terços das incidências.

Desse modo, diante da emergência da obrigatoriedade das 320 horas de atividades de extensão na escola para os cursos de formação de professores, bem como dos desafios históricos da formação, problematiza-se: como as ações de extensão e os seus territórios podem construir dinâmicas formativas em Educação Física? Na busca de encontrar respostas para essa questão central, o presente trabalho tem como objetivo geral problematizar os primeiros dados do levantamento nacional sobre a extensão no âmbito da formação de professores em Educação Física, refletindo, especificamente, sobre os territórios que vêm sendo ocupados.

2 METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo crítico-interpretativo, pois busca estabelecer um olhar analítico para os resultados apresentados pela pesquisa descritiva desenvolvida por Sarti e colaboradoras (2025a). Assim sendo, a investigação está estruturada em duas etapas metodológicas, a saber: diálogo com os dados da pesquisa descritiva supracitada; e a análise crítico-interpretativa dos dados sobre território em ações de extensão com Educação Física.

A primeira etapa da presente pesquisa consiste na retomada de dados da pesquisa intitulada “Formação, Educação Física e extensão universitária: territórios, temáticas e segmentos sociais em diálogo” (Sarti e colaboradoras, 2025a). Trabalhando no levantamento de ações de extensão de cinco universidades públicas (uma de cada região brasileira), Sarti e colaboradoras (2025a) exploraram editais de fomento e localizaram cento e onze projetos com a Educação Física. A escolha das universidades seguiu o critério da existência de cursos populosos de licenciatura em Educação Física. Assim, os autores fizeram o levantamento das instituições de educação superior: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Ibirité.

Na segunda etapa, portanto, diante do diálogo com alguns resultados publicados pelos autores supracitados, a pesquisa em tela estabelece olhar para os territórios que têm acolhido as ações de extensão com Educação Física, desenvolvendo a análise em três eixos de debate, a saber: território universidade como centro; multiplicidade de territórios como ampliação do pisar; e a escola e a décima parte.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise crítica-interpretativa proposta pela presente pesquisa conta com dois momentos, passando pela retomada de alguns dados da pesquisa de Sarti e colaboradoras

(2025a) e, principalmente, aprofundando o olhar analítico para os territórios que têm acolhido a extensão universitária no contexto de formação em Educação Física.

3.1 RETOMANDO O LEVANTAMENTO DESCRITIVO

Com o olhar voltado para as cinco universidades, Sarti e colaboradoras (2025) encontraram cento e onze ações de extensão que possuem interlocuções com a Educação Física. O quadro 1 apresenta a quantidade de ações aprovadas pelos editais de fomento de cada uma das cinco universidades, assim como o número de ações com a Educação Física.

Quadro 1 – Universidades e as ações com Educação Física

| Universidade | Editais | Ações aprovadas | Ações Educação Física |
|----------------|-----------------------------------|-----------------|-----------------------|
| UFPE | PIBExt 03/2024 | 172 | 20 |
| UnB | Pibex 2024 | 645 | 32 |
| UFPEl | Editais 01,02 e 03/2024 | 190 | 16 |
| UFAM | Pibex 2023; Parec 2024; Pace 2023 | 346 | 31 |
| UEMG - Ibirité | Paex N° 1 2024 | 411 | 12 |
| Total | | 1.764 | 111 |

Fonte: Sarti e colaboradoras (2025a).

O conjunto de cento e onze ações de extensão com Educação Física de cinco universidades públicas corresponde a aproximadamente 6,3% do total de eventos, projetos e programas encontrados nos editais de fomento. Com o olhar panorâmico para o conjunto de ações, Sarti e colaboradoras (2025a) identificaram algumas tendências em relação às temáticas recorrentes, aos grupos sociais em diálogo e aos territórios de atuação das ações. As temáticas mais frequentes são os esportes (32%), a atividade física e a promoção da saúde (25%) e as ginásticas (14%). Nos grupos sociais em diálogo com as ações, destacam-se crianças e adolescentes (32%), comunidade escolar (16%) e terceira idade (16%), enquanto 36% são direcionados a diversos outros segmentos sociais. Em relação aos territórios, ponto central para a presente pesquisa, a maioria das ações de extensão acontece no chão da universidade (69%). Os hospitais representam

Revista Fluminense de Educação Física. Dossier comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

5% das ações, assim como as comunidades próximas à universidade, também com 5%. Clubes, academias e centros esportivos concentram 4%, outros espaços somam 4% e 3% das ações são realizadas remotamente. O território escolar, apesar de figurar como o segundo mais incidente, aparece de maneira tímida, sendo palco de somente 10% das ações.

3.2 FORMAÇÃO, EXTENSÃO E TERRITÓRIOS

Com o panorama traçado pela pesquisa de Sarti e colaboradoras (2025) sobre os territórios ocupados pelas ações de extensão, a presente sessão empreende uma análise crítico-interpretativa desenhada em três eixos: universidade como centro; multiplicidade de territórios como ampliação do pisar; e a escola e a décima parte.

3.2.1 Universidade como centro

Pensar o território universitário como o principal espaço para o diálogo da instituição com os demais segmentos sociais parece desenhar algumas potencialidades e, igualmente, alguns limites. Estamos considerando limites de natureza dialógica, pois, além de impor uma importante demanda de deslocamento para os diversos grupos sociais de potencial interação, a centralidade no território universidade tende a diminuir a intensidade de duas diretrizes da extensão universitária, a saber: a interação dialógica e o impacto e transformação social.

Os dois terços das ações no território universidade podem ser limite para uma interação dialógica com os demais segmentos sociais e, conseqüentemente, podem ser lacunares para a construção de uma extensão popular. Uma das centrais diretrizes apontadas pela Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU, 2012), a interação dialógica compreende a relação universidade e demais setores sociais constituída pelo diálogo e troca de saberes. De fato, a interlocução e a troca de saberes não parecem necessariamente encontrar impedimentos em ações acolhidas em solo universitário. Todavia, a PNEU enfatiza a interação dialógica como uma diretriz de enfrentamento ao discurso de “hegemonia acadêmica”, em nome da construção de articulações com movimentos e organizações sociais.

A condição fundamental de impactar e transformar a sociedade constitui as trilhas para construção de espaços de extensão universitária. Impactar e transformar compreende, segundo a PNEU (2012), responder aos interesses e demandas da maioria do grupo social em diálogo com a universidade, propondo alternativas para o desenvolvimento do grupo e da região. Portanto, encontrar dois terços das ações centradas no território universitário não inviabiliza, mas parece impor sinuosos caminhos para construção de dialogicidades regionais, para além do simples contato com as pessoas pertencentes a determinados territórios.

No mesmo caminho, Benincá e Campos (2013) pensam em uma extensão popular engajada na colaboração com a vida da comunidade que está em interlocução com a universidade, para além de uma postura assistencialista ou de prestação de serviço. Nesse sentido, a majoração da universidade como *locus* das ações pesquisadas parece estabelecer obstáculos para uma conexão ampliada com a vida comunitária assinalada pela compreensão de extensão popular. Em suma, parece fundamental considerar que os saberes e as questões sociais também estão no território, na região e na vida da comunidade.

Por outro lado, as ações de extensão que orbitam o terreno da universidade parecem escalar algumas oportunidades inerentes aos impactos institucionais, seja na dialogicidade com os diversos espaços e fazeres da instituição de ensino superior, seja na condição de impactar um universo ainda mais ampliado de estudantes da graduação. Desse modo, a presença significativa das ações no território da universidade pode empreender uma importante dialogicidade institucional, ou seja, pode viabilizar as costuras entre o projeto de extensão e os múltiplos espaços construídos na universidade, como as disciplinas de graduação e pós-graduação, os grupos de pesquisa e demais ações extensionistas. Além disso, parece fundamental ressaltar a relevância que as ações extensionistas desenhadas em território podem ter no impacto da formação do estudante de graduação.

A Política Nacional de Extensão Universitária apresenta tal impacto como uma das diretrizes da extensão, apontando-a como fundamental para reconhecer o enriquecimento formativo para as/os graduandas/os em duas perspectivas, a saber:

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

ampliação do universo de referência que ensejam; e contato direto com as grandes questões contemporâneas. Em suma, no olhar para a predominância da universidade como o território de ocorrência das ações de extensão com Educação Física, eis uma problematização central: a proximidade com as/os estudantes da graduação pode impactar um quantitativo significativo, mas a centralidade do território parece apresentar desidratação do potencial de interagir com as questões contemporâneas da sociedade.

3.2.2 Multiplicidade de territórios como ampliação do pisar

Mesmo diante de uma participação desproporcional da universidade como o território de ocorrência das ações pesquisadas, o aspecto da incidência de outros espaços parece indicar preciosa oportunidade para a problematização da formação de professores em uma perspectiva ampliada. O levantamento indica projetos articulados com hospitais, comunidades próximas à universidade, clubes/academias/centros esportivos e escolas. Tal gama de espaços pode permitir a construção de pontes entre a universidade e os diversos grupos sociais, sobretudo, empreender o enfrentamento, em interação com os segmentos sociais, as questões emergentes na vida, região e território.

Assim, a formação em Educação Física pode caminhar para um modelo ampliado, no sentido de resistir à lógica dos cursos de licenciaturas como espaço predominante de aquisição de habilidades e competências (Freitas, 2018), caminhando para constituição de modelos mais críticos (Diniz-Pereira, 2008) e, principalmente, dialógicos e com porosidades nas dinâmicas curriculares. Além disso, cabe assinalar uma discussão contemporânea para a formação de professores, a relação universidade, escola e comunidade (Diniz-Pereira, 2022). Com o autor propondo tal desafio dialógico como uma nova linha de pesquisa para a formação de professores, cabe levantar a extensão e as multiplicidades de terrenos pisados como importantes objetos de pesquisa para compreender tais costuras e, como nomeia Zeichner (2015), as zonas de fronteiras entre os espaços supracitados.

Dessa maneira, a ampliação dos territórios a pisar pode se configurar como uma potencialidade para a formação de professores em Educação Física, sobretudo, quando a discussão é acerca do campo profissional de atuação nessa área e da possibilidade dos/as

licenciandos/as de observarem e escolherem os territórios onde querem pisar. Diante desse contexto, a extensão parece estar situada em um entremeio que busca aliar os saberes formativos do professor com as demandas comunitárias da região.

3.2.3 A escola e a décima parte

Entre os dados que emergiram na pesquisa de Sarti e colaboradores (2025a), a baixa participação da escola enquanto território parece impor um conjunto de questões que passam pela ordem funcional e chegam às concepções sobre formação de professores. Sem dúvida, para uma nova realidade imposta pela Resolução CNE/CP nº 4/2024, com as 320 horas de extensão na escola, a questão funcional se apresenta em primeiro plano: diante de uma frágil interlocução entre universidade/escola em projetos de extensão com a Educação Física, como incluir na integralidade os licenciandos em 320 horas de ação de extensão na escola? A questão conceitual ganha contornos na necessária interlocução com a timidez da escola enquanto instituição social, território e/ou grupo social na interação com a universidade. O cenário apresenta uma inferência incômoda: na extensão universitária com a Educação Física, para a escola só resta o dízimo.

A décima parte das ações encontradas por Sarti e colaboradoras (2025a), ou seja, onze ações das cento e onze levantadas, com a ocorrência na escola, parece reviver de maneira mais trágica a história da formação de professores no Brasil. As Escolas Normais do século dezenove ou as primeiras experiências formativas em nível superior já encontravam um desequilíbrio entre a universidade e a escola. Todavia, o desequilíbrio no currículo de formação de professores estava demarcado pelo tradicional “modelo 3+1”, com formação específica por três anos, seguida por um ano de complementação pedagógica (Sarti; Ramos, 2021). Em suma, mesmo nesse desafiador período, a escola parecia contar com mais presença do que o dízimo da escola como território extensionista. Mais especificamente na Educação Física, a Resolução CNE/CES nº 6, de 18 de dezembro de 2018, impõe a estruturação dos cursos em uma espécie de 2+2. Portanto, o dízimo da escola como território extensionista parece revelar um tácito modelo, que aqui chamaremos de 9+1.

Nesse sentido, entre o substantivo *dízimo* e o verbo *dizimar*, a análise encontra uma tendência demasiadamente sublinhada com a fotografia de uma escola caminhando na direção de diminuição de seu tamanho na formação. Parece fundamental enfatizar que o lugar para a escola como território extensionista menor que o lugar dessa instituição nas primeiras experiências de formação de professores no Brasil problematiza um perigoso rascunho com alguns de seus traços em tela: estaríamos diante de uma tendência para *dizimar* a escola da dinâmica curricular do licenciando em Educação Física? Os dados sobre o território escola nas ações de extensão com Educação Física pesquisadas entram em colisão com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores (Brasil, 2024), que expressam o imperativo de 320 horas de extensão na escola.

Assim sendo, mesmo considerando a possibilidade das ações de extensão no campo da Educação (pedagogia e demais licenciaturas), a tímida aparição da escola enquanto território principal das ações de extensão com Educação Física parece revelar um cenário desfavorável à implementação das Novas Diretrizes para Formação de Professores. Ao impor mais de trezentas horas de extensão na escola, sem considerar a pequena presença de ações nesse território, a nova proposta parece assumir o risco de reforçar uma visão de escola enquanto local de cumprimento de horas e aplicação de saberes e práticas desenvolvidas na universidade. Seriam as novas diretrizes suficientes para aproximar a universidade da escola ou apenas um arranjo legal que ignora as condições reais dos cursos e escolas? A determinação de exclusividade da extensão ao quadrante escolar, em um momento em que apenas 10% dos projetos dos cursos de Licenciatura em Educação Física ocorrem nesse território, parece revelar novos desafios, com destaque para a possibilidade da emergência de propostas sintéticas, pragmáticas e aplicacionistas, ou seja, com riscos de desinstitucionalização da escola na relação com a universidade.

4 NOTAS REFLEXIVAS

A determinação das 320 horas de atividades de extensão nos cursos de formação de professores, conforme a Resolução CNE/CP nº 4/2024, parece apontar para uma janela de aproximação entre universidade, escola e comunidade. Essa exigência pode constituir-

se em um movimento de reformulação das dinâmicas formativas, na medida em que propõe às instituições universitárias a pensarem formas (ou novas formas) de articular a extensão com a realidade escolar. Entretanto, essa mesma obrigatoriedade parece desenhar algumas vias, podendo manifestar-se tanto na abertura de caminhos dialógicos e transformadores quanto em converter-se em mero requisito burocrático.

Assim, para que essa janela se mantenha aberta, parece ser necessário que as horas de extensão não sejam compreendidas apenas como um “tempo a se cumprir”, mas como tempo de encontro, de coletividade e de troca entre diferentes sujeitos e saberes que reforçam o entendimento do trabalho docente como uma aprendizagem contínua e cumulativa, e que reconhece o papel das universidades, das escolas e das comunidades como instituições formadoras de professores. Desse modo, parece haver saídas possíveis em que uma aproximação universidade/escola se dê em uma perspectiva de diálogo com os objetivos e os desafios históricos que atravessam ambas as instituições.

Já o panorama de aridez da escola nas ações de extensão pesquisadas pode abrir caminhos de escolhas aligeiradas de organização dos cursos. Nesse sentido, a aproximação com a escola na formação dos/as licenciandos/as pode ganhar contornos sintéticos, pragmáticos e aplicacionistas. Tal risco se materializa na quantidade insuficiente de ações extensionistas que ocorrem nas escolas, em comparação com a quantidade de graduandos/as que ingressam nos cursos. Dessa maneira, os currículos, ao darem conta da Resolução CNE/CP nº 4/2024, podem imprimir saídas práticas, pouco dialógicas e que coloquem a escola enquanto somente um lugar de aplicação dos conhecimentos aprendidos na universidade.

Contudo, ainda que a presença da escola nos dados apresentados por Sarti e colaboradoras (2025) corresponda a apenas uma “décima parte das ações”, essa pequena fração pode conter grande potência formativa. Os 10% das ações que atuam no território escolar podem se apresentar enquanto experiências de resistência, capazes de inspirar novos modos de articulação entre a formação docente, extensão universitária e cotidiano escolar. A metáfora do “dízimo” ganha, portanto, uma dimensão de esperança: se, por um lado, indica a escassez da presença da escola nas ações extensionistas, por outro, revela a

possibilidade dessa décima parte abrir caminhos para o enfrentamento aos desafios históricos da formação de professores em Educação Física.

Essas experiências podem apresentar modos de expressão de uma cultura formativa em que o diálogo entre universidade e escola não se dá pela imposição de saberes, mas pela construção conjunta de estratégias que mantenham uma relação sem hierarquias e, sobretudo, formativa para ambas as partes. A extensão no território escolar parece contribuir para reconstruir a identidade da formação docente em Educação Física, sendo a linha de frente que aproxima os licenciandos/as das contradições e potências do cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, Dirceu; CAMPOS, Fernando Silva. Extensão popular: uma proposta transformadora para a educação superior. *Dialogia*, n. 27, p. 145–156, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/7247>. Acesso em: 7 out. 2025.

BENITES, Larissa Cerignoni. A participação da universidade e da escola no acontecimento do estágio curricular supervisionado de futuros professores de Educação Física. *Pro-Posições*, v. 32, p. e20180085, 2021.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 6, de 18 de dezembro de 2018. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de graduação em Educação Física, assim denominado, a serem observadas na organização, desenvolvimento e avaliação dos cursos, estabelecendo as suas finalidades, os princípios, os fundamentos e a dinâmica formativa. Brasília, 2018.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 4/2024, de 29 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura). Brasília, 2024.

CERRI, Luis Fernando. A formação de professores de história no Brasil: antecedentes e panorama atual. *História, histórias*, Brasília, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicostestes.bce.unb.br/index.php/hh/article/view/10730>. Acesso em: 7 out. 2025.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth M. (org.). *Justiça social: desafio para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

DINIZ-PEREIRA, Júlio E. Universidade, escola e comunidade na formação docente: uma nova linha de pesquisa em Educação? Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP), Itapetininga, v. 7, e022010, p. 1-14, 2022.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. 30 anos da Constituição: avanços e retrocessos na formação de professores. Retratos da Escola, Brasília, v. 12, n. 24, p. 511-528, 2018. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/912>. Acesso em: 7 out. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 07 jul. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. Professores do Brasil: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019. 351 p.

SARTI, R.; RAMOS, P. Três mais um, quatro do quatro e a história da formação de professores no Brasil. Debates em Educação, [S. l.], v. 13, n. Esp, p. 471–491, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13nEsp471-491. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12061> . Acesso em: 29 set. 2021.

SARTI, Renato; DINIZ, Maria Elizabeth B. M.; CORRÊA, Miguel Moraes; NASCIMENTO, Maria das Graças. A extensão universitária e as novas DCNs para a formação de professores: riscos e retrocessos. Trabalho apresentado no XXII ENANFOPE – Encontro Nacional da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, 2025b, Goiânia. UFG e PUC-Goiás, 2025.

SARTI, Renato; REIS, Yasmin Aparecida Lemos dos; GEORG, Vitória Vargas; BARBOSA, Laiane Caldeira; CORRÊA, Miguel Moraes; CORREIA, Carina Freire da Fonseca Millen. Formação, Educação Física e extensão universitária: territórios, temáticas e segmentos sociais em diálogo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 24., 2025a, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2025.

SAVIANI, Dermeval . Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. Educação & sociedade, v. 34, n. 124, p. 743-760, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n.

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *locus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

40, p. 142-155, jan./abr. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdfbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020.

ZEICHNER, Kenneth M. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidade. *Educação*, v.35, n. 3, 2010.

ZEICHNER, K. M. et al. Democratizing teacher education. *Journal of Teacher Education*. 66(2), 122-135. 2015.